



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Uma polémica epistolar entre Martins Sarmento e Oliveira Martins¹

I.^a carta de Oliveira Martins a Sarmento

Ex.^{mo} Snr.

Recebi hontem e hontem mesmo li a sua curiosíssima reconstrucção do roteiro phenicio sobre que foi redigida a *Ora Maritima* de Avieno. O agradecer hoje, sem mais demora, o seu livro é a melhor prova que eu posso dar do apreço em que tenho os seus trabalhos e o nome já desde ha muito meu conhecido.

Ha bons annos que o fallecido Soromenho me fallava de V. Ex.^a, do seu talento e do seu saber seguro e sério — cousas raras, não é assim? entre nós. Ha tempos soube da publicação da sua monographia dos *Lusitanos*; mas não podendo obtel-a em alguns livreiros

¹ Fazemos hoje uma interrupção na magnífica correspondência de Hübner, que temos publicado, para dar lugar ao curioso debate entre Sarmento e Oliveira Martins, a propósito dos estudos do Arqueólogo — «*Ora Maritima*» (1.^a ed.) e «*Os Lusitanos*».

As cartas de O. M., cujos originaes estão na posse do Arquivo da S. M. S., e agora, com a devida vénia, se transcrevem nesta Revista, foram cedidas, por cópia, ao Sr. Francisco de Assis Oliveira Martins, que com interêsse no-las pediu e seguidamente as publicou no seu livro intitulado «*Correspondencia de J. P. Oliveira Martins*» — Lisboa, 1926. Das cartas de Sarmento, inéditas, obtivemos cópia, obsequiosamente, do mesmo Sr. Francisco de Assis O. M., possuidor dos autógrafos, a quem testemunhamos aqui o nosso melhor agradecimento.

soccorri-me ao favor do nosso amigo comum, o Sr. Alberto Sampaio (a quem peço o favor de expedir esta carta, por ignorar o destino que devo dar-lhe) e d'elle recebi pelo correio os *Lusitanos*. Esse trabalho e o de agora prendem-se a um mesmo systema de estudos; e se a minha ignorancia é singularmente grande, a inclinação levou-me recentemente para a ethnologia. Não é pois como sabedor que eu poderei fazer observações á sua decifração do enigma geographico de Avieno; mas a leitura dos seus dois trabalhos, principalmente do primeiro, levantou-me certas duvidas. Se é licito que eu faça perguntas e espere respostas, ei-las. Se não é, V. Ex.^a rasga a carta e esquece tudo.

O fundo das populações de entre o Tejo e o mar cantabrico, diz V. Ex.^a, é *lusitano*, e os lusitanos são iberos, não são celtas. Creio ser este o ponto fundamental da sua theoria. Mas se são iberos (e a toponymia *celta* apenas prova a stirpe affim do ramo greco-italo-celta de Schleicher e não um parentesco mais estreito com bretões armoricanos) que lugar dá V. Ex.^a aos vasconços e á sua lingua singular? Sob o nome de *iberos* reunir-se-hiam povos de descendencia greco-italo-celta (lusitanos) e povos cuja stirpe é e será talvez para sempre ignorada? Ou não serão *iberos* os vasconços?

A minha segunda hesitação é esta. V. Ex.^a assenta historica e etymologicamente que lusitanos = liguros. Seja. Mas diz que a marcha dos liguros até á costa occidental da Hespanha está marcada pelos marcos miliares dos dolmens. Mas, não parece hoje assente que os dolmens, cuja distribuição abrange pode dizer-se o mundo inteiro, não se podem considerar a construcção particular de uma certa raça, mas sim um momento evolutivo da architectura de todas ou quasi todas as raças? — Ainda mais: se o *habitat* do *ligure* ou *lusitano* está entre o Tejo e a costa cantabrica, porque motivo são os dolmens tão singularmente mais abundantes ao sul do Tejo? isto é n'essa região onde penetrou uma avançada de invasões celticas, embora isolado esse retalho ethnico viesse a fundir-se na população preexistente, como V. Ex.^a diz? E que população era essa? Ibera ou lusitana ou turdetana? Ou todos estes

nomes significam a mesma cousa? Mas n'esse caso occorre-me o embaraço que eu principiei por apontar — o da singularid.^e ethnica dos vasconços, ao qual haverá a juntar os turdetanos enygmaticos com o seu desconhecido alphabeto.

Eis ahi as duvidas que a leitura da sua monographia me suggeriu. Peço-lhe que dê á palavra *duvidas* o seu exacto valor, e não me creia pedante. Se sentisse em mim a capacidade para discutir a sua theoria fal-o-hia em publico: se uso d'este meio é porque me limito a perguntar. Quem pergunta quer saber; e eu sei que V. Ex.^a ama o estudo e quem estuda. Prezo-me de ser um d'estes.

Mande V. Ex.^a a quem é

Seu mt.^o sincero venerador

J. P. Oliveira Martins.

C. de V. Ex.^a

Porto, Boa Vista 513

3 Abril

Resposta de Sarmento

Guimarães

5, 4, 81

Ex.^{mo} Sñr.

N'um cavaco epistolar que tive com o pobre Soromenho, dizia-lhe eu que me parecia com Socrates n'uma cousa: em saber que não sabia nada. Deixe-me V. Ex.^a repetir-lhe o meu mote. Assim fico á minha vontade.

Posto isto, vou responder, como posso, ás suas *duvidas*.

O pensamento fundamental dos «Lusitanos» não

é tentar mostrar que os Lusitanos *são iberos*, não celtas; mas que os Lusitanos são, não celtas, mas uma gente ariana pre-celtica que trouxe consigo a agricultura ao occidente da Hispanha, os dolmens e uma lingua que os linguistas alcunham erradamente de celtica. Se eu digo com Diodoro que os Lusitanos são iberos, não celtas, digo-o no sentido em que Diodoro toma aquelle vocabulo — contrapondo-o a celtas. Mas, pois que eu procuro a origem ethnica dos Lusitanos no terreno ariano, bem vê V. Ex.^a que a questão basca, berbere, atlantida e que taes ficam completamente fora do meu plano. Que os meus arias preceltas encontrassem no Occidente da Hispanha povos d'aquelle farello é possível e provavel, porem é dos dominadores que nos offerecem uma onomastica, monumentos, tradições, que eu me occupo e não com os dominados.

Sob pena de passar por atrazado, escrevi mtº scientemente «povo dos dolmens», sem sequer pedir venia, em nota, da feia heresia. Não é que eu desconheça que muito archeologo, com Mortillet á frente, se ri do tal povo dos dolmens.

Mas se a minha opinião é aquella, que lucro eu em bolir com a dos outros? Se me pedirem razões, dal-as-hei, e tenho de mim para mim que as minhas razões são, pelo menos, tão boas, como as da opinião contraria. Limitemo-nos á Hispanha: como é que se faz uma distribuição geographica de dolmens na Hispanha, i. é, como se aponta ao dedo uma zona determinada e ininterrupta de dolmens e se diz ao mesmo tempo que os dolmens são de todos os povos? Aqui está a primeira cousa que eu não percebo. E' que os povos vizinhos daquella zona já tinham ultrapassado o momento x da architectura dolmenica, pozeram tudo em pantana depois e varreram todos os escombros? Não pode ser. E' que nunca attingiram aquele momento? *Credat judeus, non ego.*

Mas seja como fôr, não temos aqui os povos da zona dolmenica distinguindo-se dos seus visinhos, de todos os povos da Hispanha, precisamente pela architectura (sic) dolmenica? Então? Não é isto uma característica valiosa? Porque não hei de eu chamarche «povo dos dolmens», mormente em contraposição ao «homem das cavernas»?

Vejamos ainda. O Henri Martin, para referir os dolmens a um povo determinado (o seu querido celta) observava que nos dolmens se encontravam figuras symbolicas, circulos concentricos, espiraes, etc. — figuras tão *pur sang celticas*, que ainda hoje os Armoricanos (que elle tem por celtas, e eu ponho na linha dos Lusitanos, Albiões, etc.) as copiavam nos bordados dos seus vestidos. Replicou Belloguet, que taes figuras eram rudimentares, proprias de todos os povos (como se diz dos dolmens). Mas ahi chega Mortillet que declara que o homem das cavernas, aliás notavel pelas suas aptidões pelo desenho, como o mostram muitos *specimens* de gravuras, achadas em laminas d'osso, desconhecia completamente aquellas figuras. Mais tarde



fig. 1



fig. 2

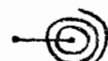


fig. 3

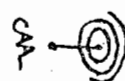


fig. 4

mostrou-se que o circulo concentrico simples (Fig. 1), ou com um traço que o corta do centro para a circumferencia (Fig. 2), era ainda hoje tido pelos fakires da India por symbolico, com o nome de Mahadeu. Esta pequena cousa parece-me muito importante. Na Citania e em Sabroso eu acho estas mesmas figuras (Fig. 3), e na Citania esta, um pouco mais significativa, por trazer quasi uma assignatura: (Fig. 4). Ainda não encontrei estas gravuras em dolmens, é facto; mas que prova isso? Quem se tem dado ao trabalho, não digo d'examinar os nossos dolmens, mas de os procurar? Eu já li em letra redonda que no Minho não havia senão trez dolmens. Dous dos nomeados nem são dolmens, nem cousa que o pareça. Em compensação no Valle do Ancora e seus arredores, entre dolmens e *cists* (vá a palavra) descobri eu 13; em S. Julião do Freixo 5; perto do Neiva 6. Estes ultimos dois grupos devo-os a informações meramente casuaes. Sim, entre nós não ha dolmens para os archeologos de gabinete, porq. os archeologos não fazem o q. fez o grande propheta, quando a montanha não quiz ir ter com elle. Tivesse eu as botas de 7 legoas e um alvião tão bom como ellas e eu diria a V. Ex.^a se estes

sítios por aqui tinham alguma inveja á riqueza do sul do Tejo.

Se não tenho encontrado as gravuras famosas nos dolmens que tenho examinado, tenho encontrado covinhas (fossettes), que frequentemente andam associadas com taes figuras.

E, sem mais cerimonia, eu digo que a civilização pre-romana que revelam as nossas cidades arruinadas (e são ellas ás dezenas, diga-se de passagem), não é, nem pode ser senão a do povo dos dolmens. Se a identidade dos sinais, já notada, o não inculcasse, a intima ligação que ha no valle do Ancora entre os dolmens de lá e as 4 povoações (nada menos de 4) pre-romanas que o cercam operariam a cataracta ao mais pertinaz. Os dolmens e *cists* do valle não podem ser senão monumentos sepulchraes dos habitantes das povoações que o rodeiam. Estes monumentos dam armas de sílex, ferro e *telha romana*, igual á telha que já se encontra na Cidade por ex., uma das 4 ruínas. E' pois evidente que os dolmens ali ainda estavam em uso em plena influencia romana. Por outro lado as pedras ornamentadas que apparecem na Cidade tem o mesmo estylo que as de Sabroso, onde a influencia romana é nulla, e que as da Citania. Assim circulos concentricos e espiraes, dolmens, cidades pre-romanas tudo se liga. Escusado dizer que nos dolmens e *cists* que tenho explorado as armas de pedra não são raras. N'um dolmen de Neiva recolhi mais de 16 pontas de flecha, uma faca e um punhal, e entre estas pontas de flecha ha duas tão semelhantes a outra achada n'um *cist* d'ao pé de Sabroso, que, se as juntarmos, é impossivel extremal-as. Alguns archeologos tem os *cists* como uma degeneração dos dolmens. Não me parece isso. Parece-me antes que o *cist* é um monumento mais pobre. Quanto ao seu contheúdo, já vê V. Ex.^a, pelo que fica dicto, que ambos devem ser contemporaneos.

Não sei se tudo isto basta para me absolver da minha herezia. Eu estou aferrado a ella e só mt.^o boas razões me despegarão.

A abundancia dos dolmens a sul do Tejo que V. Ex.^a aproxima da "avançada das invasões celticas" faria crer que V. Ex.^a se inclina para a celticidade dos

dolmens — pelo menos para a crença de q. os dolmens do sul do Tejo pertencessem áquelles intrusos. Mas como explicar que para a Celtiberia onde ficou o grosso da invasão celtica não haja dolmens?

O sul do Tejo pertencia aos Cynetes. Este povo é, a meu ver, da mesma raça que os Lusitanos. E' o seu rei Habis quem implanta a agricultura na Hispanha do occidente, segundo Justino e deste facto fiz eu cavallo de batalha. O nome d'Habis e de seu pai Gargoris e ainda o de Cynetes não cheira a uma lingua ariana d'um modo escandaloso?

Os Tartessios com o seu rei Argantonio e os seus dolmens são ainda para mim um outro ramo parente dos precedentes. O seu paiz, mais tarde explorado em larga escalla pelos phenicios, devia ser o theatro d'uma grande mistura de gentes. No tempo das guerras púnicas esta gente passava pela mais "imbelle" da Hispanha. O seu alphabeto não pode deixar de ser d'origem phenicia. Que nos dizem as inscrições e legendas de moedas neste alphabeto? Creio que por ora ainda ninguem lhe metteu dente.

A duvida que V. Ex.^a apresenta sobre a singularidade ethnica dos Vasconços não a percebo bem, no ponto em que a vejo formulada. Eu revindico para os meus amigos Lusitanos, Cynetos e Tartessios uma faixa do poente e do sul da Hispanha. O basco e o berbere e ainda outros não tem tanto terreno para si? Eu não nego (nem affirmo) que na Turdetania principalmente o elemento basco não subsistisse a par dos conquistadores. Se tomassemos a sério todas as etymologias d'Humboldt, a cousa era sem contras. Mas ainda uma vez o que importa principalmente ao meu intuito é o povo dominante.

Creio que estou abusando da paciencia de V. Ex.^a. Se assim não é e V. Ex.^a quer que eu continue este cavaco, não tem mais que dizel-o.

Com toda a estima

De V. Ex.^a

att.^o ven.^{or} e obg.^o

F. Martins Sarmento

Na última página desta carta encontra-se a seguinte anotação de Oliveira Martins:

Dolmens na Berberia — inde arios preceltas (affins lusit. ahi tambem) Que marcha migratoria?

Mas contra isto: a identid.^e dos craneos bascos, Cesareda — Muge (na Lusitania) e Cro Magnons: uma mesma raça na França Merid. na Hespanha e na Berberia. Congr. de Lisboa.

2.^a carta de Oliveira Martins

Ex.^{mo} Snr.

Desconfio que V. Ex.^a não tomou a bem a minha sincera carta. Sublinha as minhas *duvidas*, como a dizer que o não são; e é implacavel nas suas ironias contra os archeologos de gabinete — como eu. Desculpe-me pois a ousadia que tive. Nem todos podem, como V. Ex.^a, ser archeologos archeologisantes; mas nem por isso me parece que seja crime reparar e até discutir as opiniões e descobertas dos archeologos a valer. Se no gabinete não ha velhos monumentos e ruinas, nem por isso fica occa a cabeça para pensar.

Como quer que seja, e uma vez que a sua carta acaba convidando-me a uma resposta, a melhor prova que eu posso dar da superior estima em que tenho o seu saber e os seus trabalhos é proseguir, — apesar do risco da volta das suas ironias.

Se não atração as suas palavras afigura-se-me que as suas conclusões são estas: *a*) a designação de iberos dada aos hab. da Hespanha tem apenas o valor de uma opposição a outra designação igualmente apellativa, a de celtas; *b*) sob o nome de iberos incluíam-se povos, ou de origem desconhecida como os vasconços ou de origem ariana, mas pre-celtica; *c*) d'estes eram os lusitanos; *d*) os lusitanos (ou ligures) são o povo dos dolmens, monumentos característicos de uma civilização rudimentar, já agricola, que precedeu a romana.

Eu, Ex.^{mo} Snr. repito, não posso formular contes- tações: estou ainda peor do que Socrates; repito:

ponho apenas duvidas. Que V. Ex.^a se importe pouco com desposar a theoria da raça dolmenica por ser *velha*, acho muitissima razão. Longe de mim o pensamento de dar a preferencia ás cousas por serem *novas*. Mas, além das varias razões com as quaes na opinião opposta á sua se explicaria a não existencia de megalithos em toda uma grande parte da Hespanha, parece-me que ha outras e mais acceitaveis. Ri-se V. Ex.^a dos que notam a abundancia de dolmens ao sul do Tejo e a escassez ao norte é falla-me das suas descobertas numerosas. Ora, sem profundar mais a questão, não é verdade que isso mesmo poderá dar-se em muitos pontos da Hespanha, onde não haja Martins Sarmentos? Se V. Ex.^a com as suas descobertas julga ter destruido a opinião de que o Alemtejo é a região principal dos dolmens em Portugal: não é verdade que a opinião dos archeologos peninsulares pode laborar n'um erro semelhante?

V. Ex.^a opta pelo povo dos dolmens: esse é na Hespanha o ariano pre-celta, ligur ou lusitano n'um dos seus ramos ou tribus; e não acceita a doutrina de que os mon. megalithicos em vez de serem o privilegio de uma raça e de marcarem a data de uma migração — representem um momento evolutivo da architectura senão de todas, de muitas raças humanas.

Seja assim, mas então havemos, parece-me de concluir forçosamente que se na Hespanha houve um povo dos dolmens, outro tanto se deu em muitos outros lugares do mundo: isto é que por toda a parte onde nos apparecem megalithos (e apparecem, como sabe melhor do que eu, por todo o mundo) appareceu tambem um povo de dolmens. Evidentemente esse povo não pôde ser em toda a parte o ligure.

Eu, do pouco que sei, inclino-me antes para a theoria que V. Ex.^a condemna. O facto de apparecerem nos monumentos observados por V. Ex.^a signos identicos ou semelhantes a outros da India não me parece bastante para que d'ahi se infira que os monumentos eram o privilegio architectonico d'essa raça, que se supõe descoberta pela afinidade do signo.

Vamos porém a outro ponto: Os lusitanos seriam arianos pre-celtas sem afinidade ethnica com os bascos, embora os historiadores designem todos sob o

apellativo de iberos. Os lusitanos e tribus suas affins teriam sido os portadores da novidade dolmenica ao meio dia da Hespanha. Mas, não está a costa da Berberia cheia de dolmens e megalithos varios? Li que sim, n'uma memoria do Tubino. *Inde*, os arianos pre-celtas do meio-dia e occidente da Hespanha habitavam tambem a costa septentrional de Africa. Do que sabemos das derrotas dos arios nas suas migrações occidentaes pode inferir-se a marcha por Marrocos? Para mim é novo: mas talvez por ignorancia apenas. Verdade é que a migração pre-celtica, precedendo a dos celtas, se esconde nas sombras da pre-historia, e nada sabemos, creio eu, para defender ou impugnar por este lado a sua these.

Mas se os arios pre-celtas se estabeleceram na costa septentrional de Africa de modo a deixar ahi sellada a sua passagem pelos mesmos documentos que são a prova da sua existencia particular na Hespanha, — não é verdade que alguma cousa deveria haver no sangue e nas formas phisicas de parte d'essas populações?

Ora ainda no Congresso de Lisboa o anno passado, perante a structura dos craneos de Cesareda, dos kjokkenmodings de Muges, tudo da pedra-polida, idade dos dolmens, Quatrefages e outros assentaram a affinidade ethnica dos possuidores d'esses craneos (hab. da Lusitania) dos bascos, (ou de parte d'elles pelo menos) e dos berberes — chamando a tudo Cró-magnons.

Como se combina com tudo isto a theoria dos lusitanos arianos pre-celtas portadores dos dolmens? Como ha mon. megalithicos na Argelia e Marrocos? Ou haveria tambem ahi pre-celtas arianos?

Eis ahi, Ex.^{mo} Snr. a razão das duvidas de um archeologo de gabinete. Se taes duvidas lhe parecerem tolas rasgue a carta e ponha ponto ao cavaco. Se achar que o não são, e valem a pena de uma resposta, pode crer que dando-a não fará mais do que augmentar a muita consideração que tem por V. Ex.^a

O seu

Mt.^o att.^o ven.^{or} e obr.

Porto
8/4/81.

J. P. Oliveira Martins.

Resposta de Sarmiento

Guimarães
10, 4, 81

Ex.^{mo} Snr.

Mas, Ex.^{mo} Snr. (sic), V. Ex.^a calumniou-me, creia que me calumniou. Eu sou um minhoto na gemma, e tenho nisso muita honra; adoro a sem-ceremonia, mas sou leal e delicado (excessivamente delicado talvez) e absolutamente incapaz d'empregar as "ironias" que V. Ex.^a me attribue e que, escumado o euphemismo, nada mais são que aggressões perfidamente grosseiras e hypocritamente malevolas. Isto não quer dizer que tenha bons figados e que, provocado, ponha grande difficuldade em jogar o murro com qualquer agressor. Mas com V. Ex.^a, a quem só devia palavras benevolas, era preciso deixar eu de ser o que sou, para ter a intenção de o magoar em nada.

Censurando os archeologos de gabinete que fallam dos monumentos megalithicos do nosso paiz, como se o tivessem batido palmo a palmo, eu cuidei que não era necessaria outra indicação para V. Ex.^a ver logo a que destinatarios ia sobrescriptada aquella censura. V. Ex.^a não conhecerá, entre outros escriptos, uma memoria (e ainda para m.^s escripta em francez), que o Possidonio apresentou no Congresso de Montpellier, e que foi transcripta nos "Materiaux etc. de Cartailhac, e onde, alem de se mostrar o Minho (n'uma carta q. acompanha a dita memoria) quasi sem dolmens, se affirmam heresias destas: — em Portugal só tem apparecido nos dolmens armas de pedra; não apparecem dolmens onde se encontram *tumulos* etc.? E' preciso notar, p.^a tornar m.^s justa a minha censura, que este homem n'outros escriptos seus se mostra conhecedor pratico, descobrindo nas ruinas de S.^{ta} Luzia (Vianna) um *menhir*, que é um penedo como outro qualquer, mais adeante um *cromlech*, que não é nada neste mundo, e que, antes d'imprimir a sua memoria, já tinha sabido por mim que as descobertas de dolmens no Valle do

Ancora faziam presuppor que taes monumentos não eram raros, como se suppunha, no Minho.

Aqui está um dos alvos, a que eu vizava. De resto, seria necessario que eu fosse muito myope para não ver q. um archeologo de gabinete, com uma boa estatística dos dolmens pode fazer tão boa obra, ou melhor, que os proprios exploradores delles. Assim, lonje de o querer offender, nem por lonje, eu dava a entender que aquelles senhores, que não tinham sahido do seu gabinete e mostravam o contrario e decidiam as questões *tranchamment*, o tinham enganado. Foi ainda p.^a confirmar isto mesmo que fallei nas *minhas descobertas*, que provavam, alem de tudo, que nós estavamos inhabilitados, p.^a saber se o norte de Portugal tinha alg.^a cousa a invejar ao sul.

Tenho pressa em pôr estes pontos nos ii, e obrigal-o a bater contrictamente no peito por me ter julgado mal e *ripostado* com as ironias que criticava na caza do seu visinho.

E accreditando que V. Ex.^a fará conscienciosamente o acto de contricção, com proposito firme d'emenda, proposito de não esmerilhar nas minhas palavras, quando ambiguas, senão o sentido bom, vou tratar, logo que me descarte d'uns massadores que mal me deixam alinhar esta carta, de responder ás suas *duvidas*, que de novo sublinho para significar que as tomo como objecções formaes (que offensa ha nisto?) — objecções a que eu talvez tenha de juntar outras.

Sem tempo para mais.

Creia V. Ex.^a que sou com verdadeira estima

De V. Ex.^a

att.^o ven.^{or} e obg.^o

F. Martins Sarmento

Ultima carta de Sarmento

Guimarães

Abril de 81.

Ex.^{mo} Snr.

Se o Porto se tivesse transformado n'uma montanha de cousas velhas, com certeza que não tardava la, e então teria o prazer de o visitar. Como tal não succede, não sei mesmo se nos encontraremos neste valle de lagrimas. Pelo que, vou pôr os pontos sobre os ii, por isso que das suas ultimas cartas vejo que ha uns poucos de ii sem pontos, e eu não desejaria que V. Ex.^a ficasse crendo que eu penso o que não penso.

1.^o Não tinha lido a sua obra sobre Antropologia, e, se não fosse a sua penultima carta ¹, ainda hoje não comprehenderia o por que V. Ex.^a poz uma carapuça, que eu nunca imaginei que lhe servisse na cabeça. Não diga que a emenda é peor que o soneto. Tomei o seu livro como obra de vulgarisação, sem opiniões pessoais, e por isso o não procurei. Já assim não succedeu a outros que li com todo o interesse. Na Hist. da Civ. Iberica unhei mesmo as passagens em que V. Ex.^a se socorre á historia, para inferir da facilidade com que os hispanos fraternisavam com os africanos dos exercitos carthagineses a afinidade das duas raças. E disse então com os meus botões: «Pois, Sñr. O. Martins, eu com os textos dos escriptores antigos ia provar

¹ Desta passagem e do decurso infere-se qué, antes de escrita esta carta, havia Sarmento recebido, pelo menos, uma outra de Oliveira Martins que, infelizmente, não foi encontrada; nas duas transcritas aqui não se lê referência alguma de O. M. aos seus «*Elementos de Anthropologia*», nem tampouco é natural que, se O. M. tivesse escrito apenas duas cartas a Sarmento, este classificasse de penúltima a primeira das cartas recebidas. Além disto, logo no terceiro periodo desta carta, Sarmento emprega a expressão «suas ultimas cartas», prova clara de não serem apenas duas as cartas que lhe dirigiu O. M.

exactamente o contrario». Mau! aqui estou eu fóra do trilho.

2.º Não me equivoquei. Por saber que ha dolmens pela Arabia, pelo Japão — emfim por sitios onde não é facil provar a presença do povo parente do que construiu os dolmens do Occidente, é que eu disse que me não mettia na questão d'attribuir estes monumentos a este ou aquelle povo. Direi mesmo que me cheira a absurda a opinião que sustenta que é um e o mesmo o povo que construiu os dolmens por todas as partes da terra. Mas uma cousa é o povo dos dolmens, quando se falla d'uma região determinada, e outra o povo dos dolmens, quando se faz a historia geral destes monumentos e a sua distribuição geographica por todo o mundo. V. Ex.^a ha de ter notado que aquelles mesmos que tem por assente a pluridade dos inventores desta cousa, empregam, sem se sentir, a phrase «povo dos dolmens» (Fergusson, Tubino e outros). Que diabo! se estes povos não estão baptisados! Mas, depois de me fallar dos dolmens de Tyro, Tripoli, Arabia, V. Ex.^a accrescenta: «Já estamos longe do paiz berbere». Porem... isso convem-me. Isolar os dolmens da Africa do norte dos de todos os outros, cuja origem árica possa ser duvidosa, e apontar ao dedo a sua ligação com os dos meus arias pre-celtas, faz-me isso tanto arranjo, ou mais, que o descredito dos progressistas ao Fontes.

3.º Eu não poria grandes duvidas em que os meus arianos, *se não conhecessem os dolmens*, encontrando esta novidade na Hispanha a adoptassem e a carimbassem depois com as suas gravuras symbolicas. Haveria uma só objecção a oppor: é que, sendo os conquistadores mais civilizados que os iberos, e tendo ritos e monumentos funerarios seus proprios (o q. difficilmente se larga, e altera), os trocassem pelos de povos mais rudes. Mas, pondo de parte esta objecção, para fazer aquella concessão, seria necessario que me demonstrassem: a) que os arias não conheciam os dolmens; b) que os iberos os conheciam. Ora a inversa, se não está provada, tem comtudo grandes presumpções a seu favor. A analogia tirada dos arias da India colhe para a lingua, mythologia, como p.^a os monumentos funerarios, e nenhuma duvida que ha dolmens

na India, gravuras identicas ás do occidente, etc. Quanto aos dolmens dos iberos, V. Ex.^a ha de confessar que a não existencia destes megalithos nos sitios, onde deviamos jurar que habitavam iberos sem, ou com muito pouca mixtura, é um argumento muitissimo incommodo, para não dizer mais. Mas o norte da Africa? Fallaremos nisso depois. Mas para ja: e a Hispanha quasi toda? Porq. tem os iberos da Africa centenas de dolmens, muitos dos tempos christãos, e os iberos da Hispanha, os iberos das margens do rio que lhes deu o nome (si vera est fama) nenhuns?

4.º Eu protesto perante os manes de todos os escriptores antigos contra o desprezo com que V. Ex.^a trata os seus textos. Protesto ainda contra a interpretação que dá a esta phrase — nomes que *parecem celticos*, se d'ahi conclue que eu ponho em duvida o *arianismo* de taes nomes. Não: — *parecem celticos* aos celtistas; para mim são pre-celticos, em todo o caso arianos, sem *duvida nenhuma*. E' sobre a toponymica ariana que assenta um pé a minha hypothese dos Lusitanos. E a proposito da toponymia, protesto p.^r fim contra o desdem que V. Ex.^a mostra por ella. Pode concluir ao fim do seu processo nihilista, um pouco precipitado, cuido eu: «Analysado tudo, fica isto: nomes que *parecem celticos*». Misericordia! não fica realmente cousa que se veja. Mas, embora V. Ex.^a sópre aos textos dos escriptores antigos, como ha de varrer os nomes locaes, nomes d'individuos, nomes de deoses de q. a Lusitania está cheia, e que celtas, ou preceltas, o que não são de modo algum são iberos? Sim, neste terreno minado pela dynamite arica, como ha de estabelecer o predominio dos seus iberos-berberes? Não imagino.

5.º «Nem só os arios foram agricultores. Antes delles chegarem ao Mediterraneo, já os Semitas do Nilo tiravam mt.^o bom pão». Distingamos. Os Semitas chegaram a Gades em 1100. Se os arios chegam ao sul da Hispanha antes de 1500, não havendo duvida que elles conheciam a agricultura, a elles é que cabe a prioridade na importação deste melhoramento ^a). Allude

^a) Legenda d'Habis.

V. Ex.^a aos «agricultores da Africa», de que eu fallei? O caso torna-se ambiguo, mas eu apresentei-o fazendo um grupo com outros indícios. Eu disse que o q. sabiamos dos arios do occidente da Hispanha tinha um reflexo tal qual no norte da Africa — os monumentos megalithicos — a agricultura indigena dos Maxyes d'Herodoto, aos quaes nos «Lusitanos» approximei os Mastios da Hisp. — os nomes geographicos antigos de physionomia ariana (celtica, segundo Pictet) — as similhanças pronunciadas no moral e no physico entre os Berberes e os Bretões notadas por um medico bretão (Bodichon, já que V. Ex.^a chasquea dos anonymos, citado por Belloguet a pag. 191 dos «Types Gaulois», e auctor d'uma obra intitulada: «Etudes sur l'Algerie et l'Afrique»).

6.º Não me rio, quando penso que os constructores dos dolmens africanos possam ser proximos parentes dos arios da Hisp. Acho que o problema é digno da maior attenção. Por me parecer que V. Ex.^a achava exotica de mais esta opinião, chamei o Henri Martin (que diga-se de passagem, lá anda a estas horas pela Algeria!) que já a apresentou, salvo que chama celtas ao que eu chamo... o q. V. Ex.^a sabe. Poderia chamar mais algum. Os nomes e auctoridades de pouco servem. O que se queria eram provas. Provas — quem as déra! Eu não tenho na minha gaveta senão os indícios, expostos no n.º 5. Se eu tiro, como V. Ex.^a indica, o H. Martin, i. é, os dolmens e um povo ariano dos dolmens — a dama de Galles e o Pictet, i. é, os vestígios d'uma lingua árica — e o bom do Bodichon, i. é, a afinidade do berbere e do bretão, tanto no physico, como no moral, certamente que fico sem um grão de polvora. Mas eu trato de reunir mais provisões e não deito fora as que tenho, por muito más, que ellas sejam.

7.º «Seria necessario reformar a ethnologia classica, se tivéssemos d'appelar para uns proto-celtas, desdenhando da similhança das palavras *celtas* peninsulares e bretans». Resumi a sua objecção, mas penso que a resumi com fidelidade.

Estimo bem que V. Ex.^a fira esta tecla. Não quis bolir nella no meu livresco, por não vir a pello a antropologia propriamte dicta. Vejamos o q. nos diz a

antropologia classica dos Celtas. Todos os escriptores antigos, *una voce*, nos pintam os Celtas como homem-zarrões de cabellos louros e olhos azues. Faça-me V. Ex.^a o favor de pegar no Mestre Broca e de me dizer se o typo que elle classifica de celta e que elle identifica com o bretão, tem alguma cousa a ver com o celta da ethnologia classica. De duas uma: ou os Celtas classicos foram absorvidos na Bretanha pela população pre-existente; o typo celtico desapareceu; o nome de typo *celtico* é falso; — ou é somente falso o nome de celta attribuido ao typo estudado por Broca na Bretanha.

Se estudamos agora as razões, por que Broca chama ao bretão «celta», vemos que a principal é esta: o bretão antigo fallava celtico, pois que ainda hoje a sua lingua deriva do celtico. Ca temos a questão que eu levantei — lingua que *parece celtica*. Mas como sabem estes senhores que a lingua sobrevivente na Bretanha foi introduzida necessariamente pelos Celtas classicos, i. é: os brutamontes louros, e não por povos arianos mt.º anteriores que fallavam uma lingua similhante? Segundo o periplo phenicio, já havia nomes que *pareciam celticos* no Occidente da Europa, antes que os Celtas chegassem a estas paragens. Porem vamos ao principal: quem ataca a ethnologia classica, eu ou os brocistas? Se a ethnologia classica nos diz positivamente que os Celtas são A, e o Broca nos diz que são B, o revolucionario é Broca. De resto V. Ex.^a sabe tão bem, como eu, que o Celta e o seu Sorias é o pezadello dos antiquarios. As raças louras e não louras entre os Celtas — os Kymris e Gaelos de Thierry — os Ligures (=berberes) e Celtas de Belloguet ^{a)} — os celtas e gaulezes de Lemièrre e Bertrand — a hypothese de duas migrações celticas, distanciadas por largos seculos, tudo isso gira em volta das contradicções que (entre outras) suscita a ethnologia classica e a ethnologia moderna. A hypothese das 2 migrações celticas que tem de ser a base da ethnologia da peninsula n'um trabalho do A. Coelho,

^{a)} N. B. Ligures (=berberes) de Belloguet, não os *meus*.

segundo elle me diz, parece-me difficilima d'admittir. Um mesmo povo, com os mesmos caracteres physicos e moraes, e um mesmo nome, invadindo a Europa com seculos d'intervallo figura-se-me uma coincidencia a orçar por milagre. E nem vejo documentos e tradições historicas que apoiam esta these — mesmo sombra de tradições. Admittindo a invasão dos Celtas (os louros etc.) no sec. 7.º (approximadamente), e a invasão da enxurrada ariana, que se espraia pela Thracia, Grecia, Italia etc. e que chegou até o Occidente, trilhamos, me parece, um terreno que tem uma solidez tal qual.

Resta só a questão da lingua; mas que estranheza pode haver em que entre os Celtas do sec. 7.º e os arios do 15, ou 16, ou 20 houvesse similhaça de lingua? Não posso ainda deixar de dizer que o ario do Ramayana e das leis de Manou, segundo uns textos engenhosamente expostos por Portrimont, se não parece nem pouco nem muito com o Celta dos classicos, e um pouco com o celta de Broca (o bretão).

Bastará. Tenho levado a jornada aos poucos, mas andei talvez já de mais. E no emtanto ainda deixo alguma cousa no fundo do tinteiro.

Não terminarei, sem excomungar estas palavras suas: "...contradiz (a minha theoria) o que ha d'assente acerca da afinidade de caracteres physicos dos Lusitanos pre-historicos e dos iberos bascos e dos berberes ou chamitas". Eu sei que na França Broca estudou a valer os craneos bascos; na Argelia, alguma cousa se tem feito; mas entre nós! Se V. Ex.^a se refere aos poucos craneos, descobertos quasi todos, senão todos em grutas e cavernas, eu vou-lhe perguntar por minha vez se está a rir ou a fallar serio.

Como isto é carta de despedida, desculpe-lhe as dimensões.

Certamente, cada um ficará na sua; mas talvez seja mesmo uma fortuna que cada um escave em direcção opposta.

Chega-me agora mesmo o ultimo n.º dos Materiaes de Cartailhac, onde vejo um novo athleta da minha doutrina, com umas variantesitas que me parecem asneira. Os Ligures, arianos, foram expulsos do sudoeste da Hispanha pelos Celtas ahi p.^r 1600 a. C. —

isto fundado em Avieno!... Ha porem alguns argumentos tirados dos achados dos dolmens e grutas. Ia recomessar a massada.

Veja V. Ex.^a se lhe posso servir para alguma cousa, e se pude ao menos convencer-o de que sou d'uma sinceridade a toda a prova, accrescentarei que me será sempre agradável a occasião em que possa mostrar-lhe q. sou

De V. Ex.^a
att.º e mt.º obg.º

F. Martins Sarmiento